

O artigo de William H. Crocker sobre as práticas sexuais extramaritais dos Ramkokamekra se distingue pelas qualidades sistemáticas tão características dos trabalhos deste autor. Depois de descrever o mencionado padrão de comportamento, Crocker examina alguns dos fatores que o induzem e mantêm, apresentando uma série de facetas do processo de socialização responsáveis pela aprovação social de tais práticas. Estuda em seguida os aspectos disruptivos do padrão e os dispositivos de controle dessas manifestações. Procura o autor ainda verificar as ramificações do padrão em outras esferas sócio-culturais, "including the relationship to tribe morale and group solidarity, the position of women and the diffused nature of the marital bond, and some acculturative aspects and predictions".

Roberto Cardoso de Oliveira submete a organização dual e clânica dos Tukuna a uma análise estruturalista nos moldes preconizados por Lévi-Strauss, procurando esvaziar o tradicional e discutido conceito de totemismo de seu teor religioso. Como tentativa de aplicação de um novo método de análise a problemas de estrutura e organização tribais brasileiros, lê-se o trabalho com interesse e proveito.

Galvão e Simões conseguiram de maneira magistral reunir a documentação há 80 anos existente sobre o alto Xingu e, aliada a observações pessoais, explorá-la em relação à mudança cultural e sobrevivência tribal na área. Há muito os estudos xinguanos vinham se ressentindo da falta de um trabalho sistemático e coordenador, a partir do qual as pesquisas pudessem tomar novos rumos. Neste sentido o artigo é, sem dúvida, uma das mais valiosas contribuições que a presente edição comemorativa oferece.

Devido a processos aculturativos intertribais extremamente pronunciados, a área norte-amazônica é talvez a mais problemática entre todas as existentes no Brasil, de qualquer ponto de vista que se queira considerá-la. Os trabalhos da equipe de pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi patenteiam não só o interesse da área, como as dificuldades de seu estudo. Mais uma contribuição para a elucidação dos numerosos problemas é o artigo de Protásio Frikel, procurando verificar a própria existência e a identificação tribal dos Pianokotó mencionados na literatura. Através de confrontos entre informações bibliográficas e sua experiência pessoal, Frikel conclui que Pianokotó e Tiriyo são essencialmente idênticos e que os atuais Tiriyo empregam preferencialmente esta denominação, reservando a de Pianokotó para grupos marginais do passado, considerados seus ancestrais. O autor ainda acredita provável que a antiga autodenominação dos atuais Tiriyo tenha sido Pianokotó e que a mudança tenha se dado por ocasião da mais recente fase de incremento dos contactos intertribais na região do Tumucumaque.

Artigos como estes, aqui ligeiramente apreciados, as boas ilustrações que acompanham os textos e os objetivos da obra, atestam o esforço do editor em reunir material significativo para os estudos etnológicos sul-americanos. Falhas em matéria de qualidade de alguns trabalhos e de impressão, principalmente dos textos em português, não chegam a desvirtuar a essência de *Beiträge zur Völkerkunde Südamerikas*.

Thekla Hartmann

*

EDGARD CARONE: *Revoluções do Brasil Contemporâneo*. 173 págs. Coleção Buriti. D.E.S.A. São Paulo, 1965.

A história contemporânea brasileira tem sido objeto de muito poucos estudos e pesquisas; a investigação disciplinada e sistemática desse tipo de dados não é freqüente, e o livro publicado por Edgard Carone constitui, pois, uma raridade. Além disso, esco-

lheu o autor, para objeto de seu trabalho, um dos pontos mais importantes e menos conhecidos da história recente: as revoluções que nos últimos quarenta anos marcaram nosso país.

Estas revoluções têm um caráter *sui-generis*: trata-se na quase totalidade de revoluções militares, com a única exceção do levante de 1932 em São Paulo; êste, embora apoiado por alguns militares, teve uma constituição e uma origem civis. Efetivamente, desde a candidatura Artur Bernardes, o exército brasileiro, através de seus jovens oficiais, se colocou numa posição de crítica com relação ao governo federal e à organização política geral do país, procurando modificá-la, na falta de outros meios, pelo emprêgo da fôrça. Em todo o período abarcado pelas pesquisas de Edgard Carone, o "tenentismo" surge, se expande e decai.

Que é o "tenentismo"? Seus membros se caracterizaram desde o início por anseios de renovação pública, pelo desejo de organizar noutros moldes o governo do país, acabando com os conchavos dos grupos economicamente poderosos que dominavam as atividades políticas. O "tenentismo" se desenvolve, então, *pari-passu*, com a campanha pelo voto secreto, desencadeada por civis, numa época em que a fraude marcava e desvirtuava os processos eleitorais. Modificar o governo, porém, é um dos poucos pontos de contacto entre diferentes correntes tenentistas, que reuniam a elementos esquerdistas outros que formarão mais tarde o integralismo, e finalmente um corpo importante de idealistas liberais. O segundo ponto de contacto entre êles era a crença de que as Fôrças Armadas, cívicas e patrióticas por definição, não podiam mais ficar alheias e caladas diante das atividades perniciosas de meia dúzia de cidadãos que governavam efetivamente o país, como se dêle fôssem os donos.

Êstes elementos heterogêneos, cujas idéias tinham assim poucos pontos comuns (mas que as circunstâncias específicas do momento tornavam particularmente vigorosos), se reuniram para formar os movimentos de 1922 e 1924. Tanto o fracasso dêstes quanto a epopéia da Coluna Prestes, fielmente narrados no livro, demonstram que o país como um todo e, mais particularmente, o povo estavam perfeitamente indiferentes e alheios às iniciativas dos jovens militares, cujo desejo de renovação não correspondia tampouco às reivindicações de nenhuma classe ou grupo, pois nenhuma classe ou grupo com êles se identificou e lhes aceitou a liderança. Esta conclusão evidente, que transparece na excelente descrição que dos fatos dá o trabalho de Edgard Carone, não é, porém, formulada explicitamente pelo autor, que antes parece considerar o "tenentismo" como realmente representativo de um nôvo grupo social que então surgia, — um grupo de média burguesia urbana. No entanto, a falta de repercussão que tais movimentos encontram no grupo que como média e pequena burguesia podia ser identificado na época, assim como o insucesso de todos êles (insucesso que sempre se configurou da mesma maneira — um pequeno grupo que fica lutando isolado e que se caracteriza pelo reduzido número de seus membros), demonstram que na realidade a representatividade era mínima.

O "tenentismo" triunfa todavia em 1930. Expressaria então o aparecimento de um nôvo grupo social ou classe? A nosso ver não. Sua vitória se prendeu ao fato de que, por motivos muito bem descritos na obra, grandes grupos econômicos e civis, descontentes com o mandonismo de Washington Luís, resolvem pôr um paradeiro às suas iniciativas políticas. É êsse o sentido da Revolução de 1930, que resultou da reunião de políticos tradicionais como Antônio Carlos, João Pessoa e Getúlio Vargas ao grupo "tenentista", do qual estavam, porém, ideologicamente distantes. A adesão dêles, assim como a adesão do P. D. em São Paulo, permitiu a vitória, que não foi assim a vitória de uma nova classe, e sim e muito mais a de uma coalisão descontente de políticos tradicionais.

O trabalho de Edgard Carone é, como já dissemos, um trabalho precioso: por um lado, oferece-nos um roteiro seguro e claro de tudo quanto aconteceu numa época que precede imediatamente o Estado Novo (ainda não historicamente estudado também); por outro lado, aponta-nos as grandes falhas e obscuridades de nossos trabalhos sociológicos. Com efeito, uma obra como esta, feita com tanto esmero e probidade, põe em evidência a pobreza de nossos estudos sobre a organização sócio-política brasileira. Esta tem sido estudada em geral, não a partir da análise de dados sistematicamente colhidos e analisados, mas a partir de determinados esquemas interpretativos, formulados no estrangeiro; buscam-se ou escolhem-se na realidade brasileira fatos que se enquadrem no esquema, mas não se procura verificar qual o esquema que se desprende da totalidade dos fatos. Se nem sempre estamos de acordo com o pano-de-fundo e com a interpretação sociológica tentada por Edgard Carone, é porque as análises sócio-econômicas em que se apoiou, — praticamente as únicas que existem até agora, — não nos parecem indubitáveis; pelo contrário, a tendência hoje é pô-las em dúvida e fazer uma re-verificação, pois sabe-se já que muitas delas estão em desacordo com a nossa realidade.

Esta restrição em nada desmerece o valor da obra, pois não se dirige ao trabalho do historiador. Edgard Carone, deste ponto de vista, alcançou narrar com rara acuidade e clareza uma das fases complexas e contraditórias de nossa história. Seu livro é muito importante para nós, pois ajuda a melhor compreender o presente, através de uma visão penetrante do passado.

Maria Isaura Pereira de Queiroz

*

RENATO ALMEIDA: *Manual de Coleta Folclórica*. 221 págs., 1 prancha. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, 1965.

Trata-se de obra escrita por iniciativa e incumbência da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. A maior parte dos elementos com que trabalha o folclorista em nosso país continua sendo recolhida por amadores. Tem sido esta uma colaboração de extraordinário valor, graças à qual foi salvo do esquecimento um imenso acervo de dados sobre os costumes e as tradições do povo brasileiro. E por muito tempo ainda precisará a ciência folclórica recorrer à contribuição mais ou menos ocasional de pessoas sem formação teórica e metodológica.

O objetivo do manual não é propriamente uma exposição sistemática das técnicas de pesquisa, mas antes uma visão panorâmica dos tópicos a que se deve prestar atenção no correr da coleta. As instruções principais para o levantamento dos dados comprimem-se em essência num capítulo introdutório, de vinte e poucas páginas. São, aliás, boas recomendações práticas, que, tomadas em consideração pelo pesquisador, contornam o perigo de viciar os informes que venha a registrar. O autor insiste na atitude rigorosamente objetiva que deve caracterizar o pesquisador. Esta exigência nos poderia parecer mais do que óbvia, mas está longe de ser satisfeita por muitos dos que, entre nós, escrevem sobre fatos da cultura popular. A objetividade, é evidente, há de começar pelo registro fiel dos dados. Outras recomendações úteis se espalham pelos capítulos seguintes, que se referem (segundo a terminologia e a classificação do autor) a superstições e assombrações, às crenças religiosas, à medicina folclórica, ao céu e aos fenômenos meteorológicos, ao folclore das águas, dos vegetais, dos animais e dos minerais, ao folclore do fogo, à literatura oral, à música e à dança do povo, às artes e aos artesanatos e, por fim, às comidas e bebidas. Ainda que Renato Almeida assevere que a obra não é de infor-